

PARANÁ | FEVEREIRO DE 2012 | EDIÇÃO 07 | ANO II

# Relevo

*Munique Duarte*

*Amanda Bacilla*

*Ryane Leão*

*Daniel Zanella*

*André de Leones*

*Adrian Lincoln*

*Cezar Tridapalli*

*Fabrizio Carpinejar*

*Germano Xavier*

*Oneide Diedrich*

*Luís Henrique Pellanda*

*Leonardo Oliveira*

*Carlos Carega*

# Editorial

À Victor Folquening,  
Uma estrela incandescente.  
(1973-2012)

## Apoio Cultural

AVON

FARMÁCIA BOQUEIRÃO  
DRUGSTORE  
3642-0838

ESCRITÓRIO  
DE ADVOCACIA  
MÁRIO SUZUKI

CAFÉ DUETTO  
O melhor do café brasileiro  
41 3642 3344

MERCADO JALU  
CONFIRA NOSSA LINHA  
EXCLUSIVA DE PERFUMARIA  
3643-1912

(41) 3642-3103 / 3642-7590  
OLETUR

## Colaboradores

**Benett**  
Amigo de Victor Folquening.

**Daniel Zanella**  
Amigo de Victor Folquening.

**Cezar Tridapalli**  
Escritor curitibano, formado em Letras pela UFPR e mestre em Estudos Literários. Tradutor e ensaísta, é autor de *Pequena biografia de desejos* (Editora 7 Letras, 2011).

**Germano Xavier**  
Escritor, poeta e professor baiano. Publica seus textos no endereço [oequadordascosias.blogspot.com](http://oequadordascosias.blogspot.com)

**Oneide Diedrich**  
Músico e psicólogo paranaense, vocalista da banda Diedrich & Os Marlenes. Publica seu material no endereço [myspace.com/diedricheosmarlenes](http://myspace.com/diedricheosmarlenes)

**Fabrcio Carpinejar**  
Poeta e jornalista caxiense, mestre em Literatura Brasileira pela UFRGS. É autor, entre outros, de *O Amor Esquece de Começar* (Bertrand Brasil, 2006), divulga seu trabalho no endereço [carpinejar.com.br](http://carpinejar.com.br)

**André de Leones**  
Escritor goiano, autor, entre outros, de *Hoje está um dia morto* (Record, 2006), vencedor do Prêmio Sesc de Literatura 2005. Publica seus textos no endereço [vicentemiguel.wordpress.com](http://vicentemiguel.wordpress.com)

**Ryane Leão**  
Escritora paulista. Publica suas crônicas e poesias no endereço [ownblues.blogspot.com](http://ownblues.blogspot.com)

**Amanda Bacilla**  
Cursa o 3º período de Jornalismo na UP.

**Munike Duarte**  
Jornalista mineira. Publica seus textos no endereço [textosimperdoaveis.blogspot.com](http://textosimperdoaveis.blogspot.com)

**Adrian Lincoln**  
Nascido em Ponta Grossa, é professor e mestrando em Linguagem pela UEPG. Publica seus textos no endereço [heroilocal.blogspot.com](http://heroilocal.blogspot.com)

**Luís Henrique Pellanda**  
Escritor, jornalista, dramaturgo, roteirista e músico curitibano. É autor da coletânea de crônicas *Nós passaremos em branco* (Arquipélago Editorial, 2011).

**Carlos Careqa**  
Compositor paranaense. Publica seus trabalhos no endereço [carloscareqa.com.br](http://carloscareqa.com.br)

**Heliana Grudzien**  
Artista plástica paranaense. Publica seus trabalhos no endereço [ventorevirado.blogspot.com](http://ventorevirado.blogspot.com)

**Leonardo Oliveira**  
Redator publicitário, com passagem por diversas agências e empresas de Curitiba

## Na pior em Paris e Londres

Quando você se aproxima da pobreza, faz uma descoberta que supera algumas outras. Você descobre o tédio, e as complicações mesquinhas e os primórdios da fome, mas descobre também o grande aspecto redentor da pobreza: o fato de que ela aniquila o futuro.

George Orwell

## ✓ Expediente

Fundado em Setembro de 2010

Edição: Daniel Zanella

Revisão: Kelly Knopik

Impressão: Folha de Londrina

Tiragem: 2000

Edição finalizada em: 03 de fevereiro, 20h.

## ☞ Contato

[www.twitter.com/jornalrelevo](http://www.twitter.com/jornalrelevo)

Facebook: Jornal Relevo

Envie suas crônicas, críticas e sugestões para [jornalrelevo@gmail.com](mailto:jornalrelevo@gmail.com)

*O Relevo, às vezes, não se responsabiliza pelo conteúdo publicado de seus autores.*

# Victor Folquening

"Na nova camisa do Operário só falta um anúncio de 'vendo Chevette 86 único dono...'"

Daniel Zanella

Victor Emanuel Folquening era corrosivo e ansioso. Seu humor não perdoava nem a mãe, que o fez nascer para a indagação em uma terça-feira, 6 de novembro de 1973. Dizia ter vocação natural para o fracasso e que só havia escolhido o Jornalismo para não ter que usar enxada e carpir o mato de casa. Polemista, debochava da direita reacionária, recalçada com os valores mais ambíguos, atacava o esquerdismo pueril e defendia suas séries de televisão preferidas com o devido ardor. Sonhava dirigir um filme ou um seriado só para poder acompanhar a reação dos espectadores. Jornalista talentoso de apurado senso de responsabilidade – trabalhou no Jornal da Manhã no começo dos anos 90 e na Gazeta do Povo por quatro anos – era também professor universitário, capaz de intercalar Estética e Teoria da Comunicação em uma mesma escala noturna, escritor apaixonado por histórias de assombração e literatura norte-americana, amante de jazz, musicais e comida japonesa. Apresentou nacionalmente diversos artigos acadêmicos e trabalhos científicos. Sua tese sobre contrabando na mídia, estudada em muitos cursos de graduação, aborda a importância do indivíduo na fabricação das mensagens, uma alegoria explícita ao poder



dos jornalistas de influenciar a notícia em ambientes hostis. Dizia estar gordo como nunca. Planejou se cuidar mais em 2012 e estava caminhando todos os dias. Morreu no princípio da tarde desta terça-feira, 31 de janeiro, dia de São João Bosco, atropelado por um biarticulado no Centro de Curitiba enquanto ia a um médico para realizar exames de rotina. Sua última ligação, direcionada à namorada que falava ao celular andando da Assembleia Legislativa até o shopping Mueller, foi: "Meligue depois. É perigoso ficar distraída com o celular nesse trânsito".

Conhecia a fundo todas as doutrinas e religiões – temas centrais de suas pesquisas –, era cético e debochado, desapegado materialmente, exceto pelos mais de mil livros de sua biblioteca. Dizia sentir um sabor especial em desmascarar as boas intenções por detrás de personalidades manipuladoras, aproveitadoras e exploradoras da servidão. Considerava

Steven Soderbergh um cineasta maniqueísta e O Homem de Palha o melhor filme de todos os tempos, apesar de não gostar do cartaz entreguista.

Torcedor do Operário, de Ponta Grossa, sua cidade-natal, era uma figura intelectual rara, de discursos simples, fora da curva, muito querido pelos estudantes e reconhecido como uma pessoa solidária, sempre a abrir de sua individualidade para cuidar da mãe, auxiliar jornalistas em começo de carreira e ouvir os dilemas dos amigos nas madrugadas. Era considerado um caçador de talentos, capaz de enxergar potencialidades à primeira vista. Escreveu *O Jornalismo É Um Humanismo*, tese de seu mestrado na UFPG, em 2006, uma obra que concilia o formato tradicional de pesquisa e bibliografia com a sua análise peculiar sobre os cursos de Comunicação. "Nos primeiros anos, quando ainda era acadêmico de Comunicação Social, não foram poucas as vezes que ouvi um estudante exclaimar, numa mistura de

indignação espontânea e estratégia de visibilidade: 'Isso aqui não passa de um colegião!'"

Trabalhei ao seu lado por quase um ano. Fui contratado por ele para redigir obituários e perfis semanais da gente comum, como gostava de dizer. Perdi a conta de quantas vezes ele intercedeu energicamente por mim diante da diretoria quando excedi nas tintas. Dizia que Jornalismo é o exercício da contradição. Juntos, editamos uma edição especial do Jornal Relevo com a série de histórias de terror *Frio na Espinha*, publicada originalmente no Jornal União, de Campina Grande do Sul, periódico em que era editor-chefe desde 2010. As histórias de lagartos, chupacabras e alienígenas tiveram repercussão estrondosa na cidade, gerando diversas atividades curriculares nas escolas da região. Ironizava-se dizendo que a produção de baixa literatura para crianças era a melhor coisa que já tinha realizado na vida. O projeto

contou também com a colaboração do cartunista Benett, seu sempre lembrado amigo de infância, a quem acusava na redação de roubar suas piadas. Pretendia transformar suas histórias em livro e estava estudando clássicos juvenis para se adaptar à linguagem. Nos últimos meses, mais sensível e tolerante em relação à família e ao relacionamento conjugal, planejava pedir a sua namorada em casamento e passava tardes especulando sobre o nome de seu filho. Se fosse menina, dizia que preferia que se chamasse Valentina. Se menino, poderia ser Caetano, Erasmo ou Venâncio. Emocionou-se ao pegar pela primeira vez o sobrinho recém-nascido, Bernardo.

Deixa um legado intelectual marcante e um vazio afetivo infinito à sua mãe, pai, irmão, sobrinho, namorada, parentes, amigos, estudantes e ao Jornalismo em si, cronicamente carente de espíritos livres (e que não se levam tão a sério).

**EXATO**  
CENTRO EDUCACIONAL

**Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico**  
**Preparatório - Graduação Pós-Graduação**  
**Aprendizagem Empresarial e Industrial**

Fone: (41) **3552-1542 / 3552-5895**

# O homem com a menina no colo

Luís Henrique Pellanda

Na Pracinha do Amor, sou eu o homem com a menina no colo. Paramos ali todos os dias, a caminho da creche, para observar o vaivém dos pombos. A menina gosta deles, fazer o quê? Cumprimenta o busto de Romário Martins, manda beijos ao historiador de bronze, ri ao localizar uma garça no telhado da sinagoga, mas um João-de-Barro logo rouba sua atenção, conquista a preferência do nenê. O bicho corre por baixo de um banco de ma-deira úmido, se esconde entre tufos de flores que não sei classificar. Funcionárias? Nome triste para uma flor. Os canteiros têm o formato de estrelas, e é fácil observá-las do nosso apartamento no nono andar, principalmente no meio do ano, quando as árvores estão secas, as copas, invisíveis, e olhamos mais pela janela.

Além da que está no meu colo, há outra menina na

praça. Não se move e, por isso, não chama a atenção da criança que carrega. Deitada na grama, dorme entre duas estrelas floridas. Tem uns dez anos, o cabelo louro-escuro, e veste uma calça de pijama bege, encardida como os pombos, uma blusa de moletom azul-marinho e um boné masculino sobre o rosto apagado. Nos pés, duas sandálias fugitivas, de tiras de borracha, e o clichê das solas sujas, a pele grossa de piche. A praça está quieta, são oito e meia, posso permanecer ali mais dois minutos. Na esquina da Ébano Pereira com a Saldanha Marinho, descubro a mulher de vestido preto. Confiante, bolsinha de couro no ombro, desfila meio século de batalhas perdidas. Está acima do peso, uns sete, oito quilos, mas adivinho que já teve a cintura fina e a cabeleira viva, e sem querer reconstruo a juventude daquele corpo

forte que diagonalmente penetra a Pracinha do Amor. Pressinto peitos ainda sólidos, as panturrilhas naturalmente atléticas, a bunda confortável onde mais de mil amantes descansa-ram. Seus passos são firmes e elegantes, a mulher toda é elegante, admito, apesar do excesso de rebolado e maquiagem, apesar da lordose e dos saltos abusivos. De sua figura só destoa, talvez, a sacola de supermercado que traz embo-lada na garra esquerda.

Curioso, decido me deter aqui mais um instante, mais dois minutinhos, só mais dois, a menina no meu colo tranquila, a aplaudir o voo de um pardal de penacho. Já a mulher que observo observa a menina adormecida. Invade a porção de grama vetada ao passeio dos cidadãos de bem, estaciona ao lado da pequena, abre a sacola plástica e despeja,

sobre a outra, todo o seu conteúdo. Demoro três segundos para decifrar a natureza daquela chuva colorida, e me surpreendo ao ver que são pétalas, pétalas de rosas vermelhas, pétalas amarelas, pétalas rajadas, punhados e punhados de pétalas brancas, e sussurro, perplexo, ao ouvido da menina no meu colo: pétalas! Estavam na sacola da mulher de preto, e agora cobrem e cercam o corpo da menina que dorme na praça.

A mulher guarda a sacola vazia na bolsa de couro e rapidamente se afasta da cena, sem afobação. Escala o barranco de grama até o petit-pavé da Saldanha e parte sem olhar para trás. Os pombos, acostumados à cevada e ao saque, voam até a menina e buscam, entre seus braços e pernas, entre pétalas e cabelos, algo que lhes seja proveitoso, só isso, algo

comestível e minimamente significativo. Não encontram nada e se entreolham interrogativos, dúzia emplumada de demônios.

Encantado, acompanho a fuga da mulher de preto, ainda a persigo por meia quadra, sua bunda negra na ladeira, Ébano Pereira acima. Para em frente a um casarão antigo e acende um cigarro. Ela o traga e, antes mesmo de exalar a fumaça, entra no mais novo bordel da rua.

A criança no meu colo acena para os pombos, se despede dos pássaros que prontamente decolam e desaparecem atrás do hotel Vitória Régia. E nós também seguimos adiante. A manhã avança. O vento congela a Pracinha do Amor e nos despenteia, mas não varre as pétalas de rosa, não as move um centímetro, não parece afetar a menina que dorme entre duas estrelas floridas.

## Nota de falecimento

Adrian Lincoln

Nota de falecimento: Deixou-nos ao meio-dia desta terça-feira, dia 27 de outubro, a TV da sala. Tinha doze anos, viúva da nossa antena antiga, sem filhos, doadora de órgãos, faleceu de causas naturais.

Com ela passamos muitos momentos juntos. Lembro-me do dia que chegou e rapidamente ocupou seu lugar fixo na sala, sendo mais um membro da família, mais uma voz nas decisões. Mostravamos os preços mais baratos, aconselhava sobre alimentação saudável, e pedia com gentileza que levássemos ou não o guarda-chuva caso fôssemos sair. Quantas vezes, na hora do jornal, papai sozinho tinha longas discussões com ela, sempre fazendo as pazes depois, quando ela sorrindo mostrava o time do coração dele ganhando. Também sempre

era ela que ajudava mamãe ensinando das suas receitas milagrosas para um jantar diferente para nos distrair os gostos. Ela era tão querida que, quando percebia desavenças entre os irmãos, logo arranjava os capítulos finais da novela para juntar a família toda na sala. E muitas vezes ainda ela nos colocava para dormir, contando alguma história fantástica e então se desligando sozinha para que a luz que brilhasse mais fosse a luz própria dos nossos sonhos.

Veza ou outra ela brincava de sair do ar como quem brinca de fazer falta, mas logo voltava e voltava com tanta saudade que se mostrava por completa, até mesmo ficava nua. Éramos íntimos. Foi para ela esomente para ela que chorei e tantas vezes chorei quando o fim do filme era muito triste. Ela conhecia o que

me comovia e o que me enchia a boca de sorriso e conhecia estas coisas de todos nós. Sempre soubemos no fundo que era ela quem nos assistia.

Pela manhã, sabendo que a manhã é a infância do dia, ela nos mostrava desenhos e divertia os olhos de criança que ainda todos carregamos. À tarde, entretia toda a gente

com alguma série longa ou uma brincadeira jovem e cheia de vida. À noite, trazia temas adultos, e na alta madrugada passava os filmes que nunca queríamos que acabassem. Ao meio-dia, era a vez do jornal em que passavam as tristezas faladas, os acidentes de carro e as notas de falecimento. E a nota dela própria, coitada, ela

não conseguiu mostrar, mas nós vimos ao vivo ela morta, indo para o paraíso das televisões e lá, com certeza, ela irá se encontrar com a nossa velha antena por quem era apaixonada e conversarão eternamente e para sempre o diálogo das imagens. Pena que o céu não passe em nenhum canal.

Descanse em paz, Philips Smart.

*Panificadora e Confeitaria*  
*Pão e Vinho*  
Trabalhamos com livros sob encomenda  
(41) 3642-3552  
Av. Dr. Victor Ferreira do Amaral, 1136 - Centro - Araucária - PR

## Ryane Leão

# 9.1.12

era domingo e eu estava deitada na cama com a minha mulher ao lado. meu gato estava dormindo no meu colo enquanto eu fazia carinho no seu pêlo. uma leve ressaca dava sinais em ambas, minha mulher falava sobre algum assunto qualquer e calmo, e da rua não vinham barulhos de carro. na cama, um lençol verde já meio sujo, planejávamos um almoço somente com ingredientes naturais e eu a interrompi pra dizer:  
- eu estou feliz.  
mas eu queria dizer: eu estou feliz como nunca estive antes.

# 8.12.12

te digo, irmã, às vezes o corpo é monogâmico e o coração não..



Heliana Grudzien

# 28.12.12

le temps II

um poema escrito há cinco minutos atrás, enquanto amava

poderia se esgotar  
o tempo todo  
do mundo  
e as areias das ampulhetas  
poderiam se esvaír  
em um ventinho qualquer de  
inverno  
se eu pudesse  
nesse tempo todo  
que acaba  
ficar sentada na cama  
te olhando de frente  
sem falar  
sem beijar  
sem tocar  
só te olhando  
seu cabelo castanho escuro  
despenteado  
seus olhos pequenos  
perdidos  
suas mãos em movimento  
ansiosas  
seu sorriso bobo  
cansado.  
somente assim  
as badaladas soariam pra mim  
como a voz libertadora  
de jeff buckley:  
hallelujah, hallelujah  
somente assim  
eu saberia apreciar o tempo  
ao invés de achá-lo  
um completo filho da puta  
somente assim  
eu me renderia diante dele  
somente assim:  
se eu pudesse te olhar  
só te olhar  
enquanto os ponteiros  
se esfregam uns nos outros  
até virarem pó.

# O diabo roga praga

## Inconclusões sobre leitura

Cezar Tridapalli

Eu pensei em fazer aqui a minha profissão de fé, tipo Creio na Leitura toda poderosa, recriadora de realidades pela ficção, em especial na literatura, sua filha mais nobre, que foi concebida por mentes inteligentes e sensíveis, nasceu de penas, tintas, grafites e teclados (e mata-borrões, corretivos, borrachas e deletes), padeceu sob a indústria cultural e a internet, foi crucificada, morta e sepultada, desceu à mansão dos mortos, mas está ressuscitando etc.

Creio que a leitura amplia nossa visão de mundo.

Creio que pode mudar nossa realidade individual e coletiva.

Creio que é melhor ler qualquer coisa do que não ler nada. Amém.

\*

Mas como toda a convicção não está imune à voz sedutora da dúvida ao pé do ouvido, reticências.

\*

Comparações covardes: certa-

mente, a quantidade de livros que já li deixa Dante Alighieri no chinelo, preso a um círculo infernal comendo poeira (sentiram a arrogância com apenas uma sobancelha levantada?). Você (sobrou pra você) que se dispõe a ler isso aqui, já deve, é provável, ter lido mais do que Shakespeare leu na vida dele. Não estou falando que eles foram mandrakes e davam migué, só que as condições de produção e de acesso ao livro eram muito menos favoráveis. Somos nós, que lemos mais, mais inteligentes do que eles foram?

\*

Segundo pesquisas de fontes confiáveis tiradas do nada de dentro da minha cabeça, 98,36% das coisas que li já foram esquecidas; sobrevivem aqui dentro apenas cerca de 1,64%.

Esse argumento eu uso para poder concluir que quantidade de leitura não quer dizer nada, mas a maneira como lemos e cotejamos as coisas com a visão de mundo que trazemos em nós, bem como nossa disposição para ver mais amplamente a partir do que lemos é que nos fará ser melhores, mais abertos a acolher diferenças etc. Isso é

verdade, não é? Mas quem disse que as outras centenas de livros que lemos não nos constituem? Incorporar um livro e com ele comover-se – mover-se com! – é apenas lembrar sua historinha, o nome dos personagens? Ou, bem mais do que isso, o livro, mesmo esquecido em suas particularidades, inoculou (hummm, palavra venenóuusa) em nós algo que nos fez diferentes, incorporando algo na nossa vida como se tivesse sido sempre nosso? Eu não me lembro de todas as broncas que meus pais me deram, mas é certo que a educação familiar – para o bem e para o mal – está na cara.

\*

Shakespeare leu menos e fez o que fez. Seria ele ainda melhor se lesse o que hoje temos à disposição?

Contra-argumento: papo furado. Também produzimos nossos gênios. Simples assim. Não mistifique o passado.

ContraContra-argumento: você não respondeu minha pergunta.

CCC-argumento: isso não é argumento.

CCCC-argumento: bobo.

CCCCC-argumento: bobo é você.

CCCCCC-argumento: não, é você.

CCCCCCC-argumento: bobo é quem me chama, abre a porta e cai na lama.

\*

Lembrete: procurar no Google o significado de tautologia.

\*

Mas como é que quantidade de leitura não quer dizer nada? É verdade que ler bastante é bom. É também verdade que Dante não leu muito. É verdade ainda que é mais fácil achar qualidade quando lemos em quantidade. Mas Dante leu pouco e produziu qualidade. Afinal, ler bastante é a remissão dos nossos pecados ou não, caramba?

\*

Esse desejo pelo absoluto ainda vai nos levar aquém.

\*

Diante de alunos – e não é hiperbólico dizer que são milhares deles ao longo dos anos em que de aula –, sempre usei um discurso muito bem ajustado, diria até meio cheio de si e de suas certezas perigosas – afinal, quem lê não deve-

ria duvidar mais das coisas? O curioso: eu acredito no discurso edificante, não acho que gastei parte da vida – minha e deles – enganando pessoas sobre o poder redentor da leitura. Mas entre acreditar e essa crença ser verdadeira, ou completamente verdadeira, ou lisamente verdadeira, há barulhos e ranhuras possíveis, muito prováveis. É que a história não caminha em linha reta e não bate na cabeça de todo mundo do mesmo jeito. Dos milhares de alunos que saem das escolas e universidades, haverá muitos que se tornam ótimos leitores e ótimas pessoas, assim como há muitos canalhas leitores, há as gentes boas semiletradas, há os patifes que não sabem o que é um livro.

\*

Pegue vários adjetivos, bons e ruins, para qualificar pessoas e coloque-os em uma coluna à esquerda da página. À direita, faça outra coluna com os níveis de leitura (excelente leitor, bom leitor, leitor mediano, medíocre, nulo). Ligue todos os adjetivos da coluna da esquerda a todos os da coluna da direita. Tudo é possível, tudo é encontrável.

Sabe aquela história de livros não mudam e que quem não lê são as pessoas? Só mudam as convites ao exercício do poder aristotélico é lícito dizer as mudam o mundo mudam as palavras mudam um silogismo ou conversa sobre boi dormir?

Ainda sobre m... ler torna a pes... ligente, mais... formada, tenh... dúvidas disso... leitor inteligente... inteligente se... muitos leitores... da leitura, p... grande e sabe... forças que é p... o mundo, en... também por ca... podem pensar... (e até desden... querem mudar... é impossível r... vamos e venha... não é grande... uma arena de... viduais e peq... de serezinho... insignificantes... Entre os não le... há os transfor... acomodados, mente a leitura

*Le Corps*  
fotodepilação e estética

fotodepilação . limpeza de pele . bambu terapia . pedras quentes  
drenagem linfática . massagem modeladora . desintoxi redução  
gesso terapia . massagem relaxante . esfoliação . máscaras faciais

Av. Victor do Amaral, 1448 . Centro . Araucária . Tel: 41.3031-1358

O JEITO DIVERTIDO DE DOMINAR O CONHECIMENTO.

**FISK**  
CENTRO DE ENSINO  
DOMINE O CONHECIMENTO

FISK ARAUCÁRIA  
R. JOÃO PESSOA, 35  
TELS: 3642-3690  
3031-7040

CONTATO@FISKARAUCARIA.COM.BR  
WWW.FISKARAUCARIA.COM.BR

\* história de que os  
dam o mundo  
muda o mundo  
e que os livros  
pessoas? É um  
arcício do nosso  
ico de dedução:  
sim: as pessoas  
ndo; os livros  
ssuas; logo, os  
o mundo? É  
digno de nota,  
ofista fiada pra

\*  
udar o mundo:  
ssoa mais inte-  
informada e  
pouquíssimas  
. Até um não  
nte seria mais  
lesse. Mas há  
que, por causa  
odem pensar  
r com todas as  
possível mudar  
quanto outros,  
ausa da leitura,  
grandesabendo  
hando os que  
ro mundo) que  
mudá-lo e que,  
amos, o mundo  
coisa além de  
angústias indi-  
uenas alegrias  
s minúsculos,  
e pretensiosos.  
leitores também  
rmadores e os  
embora certa-  
ra ajude muito

aos transformadores, dando-  
-lhes mais conhecimento e  
ideias, e talvez ajude os aco-  
modados a envelhecer sere-  
namente, conscientes de quão  
pequena, frágil e arrogante é  
a sua espécie.

Da euforia à depressão, do  
idealismo coletivo à acomoda-  
ção serena, há leitura bipolar  
para todos.

Conhece alguma espécime?  
O leitor que lê muito e - em  
vez de pensar quanta identifi-  
cação, quanto estranhamento,  
quantos desejos ocultos que  
todos sabemos que todos  
têm, quanta forma de pensar  
diversa da minha - usa sua  
leitura para, como círculos  
de fumaça, baforar palavras  
do tipo "oh, ser insignificante,  
ainda não leu Niels Lihne em  
dinamarquês?"

Outra tirada debaixo do  
tapete: ler qualquer coisa é  
muito melhor do que não  
ler nada. Afinal, a própria  
atividade mental de ler faz  
combinações de sinapses, liga-  
ções neuronais que estimulam  
regiões do cérebro desperta-  
das apenas pela leitura. Tricô  
vale-tudo não contam porque  
atingem outras regiões do  
cérebro (às vezes em cheio!),  
e não são a mesma coisa.

Portanto, ao ler O segredo, de  
Rhonda Byrne, e aprender que  
se eu concentrar meu pensa-  
mento e pedir para a energia  
do universo que me conceda  
a graça de ganhar um milhão  
ou de conseguir abrir uma  
embalagem plastificada de  
CD com a unha, isso é melhor  
do que não ler nada.

Mas claro que é melhor. Se  
não ler isso, vai fazer o quê?  
Ligar a TV e assistir BBB? Só  
por ser leitura, O segredo é  
melhor do que o BBB, esta  
bela produção da televisão  
brasileira, grande arena de  
angústias humanas prenhes  
de conflitos universais nos  
quais grandes exemplares da  
fauna humana debatem pen-  
samentos, ações, hesitações,  
dúvidas que nos movem ou  
nos paralisam?

O segredo: uma coisa que  
a leitura nos dá é a sagrada  
graça de entender e praticar  
ironias sem precisar pedir  
para as forças cósmicas do  
universo!

De qualquer modo, nesse  
mundo barulhento que quer  
nos dispersar o tempo todo,  
a leitura nos dá poder de  
concentração, é um modo  
necessário de ensimesmar-

-se nesse mundo barulhento.  
Seria o contrário da medita-  
ção? A meditação acredita  
que a gente está muito cheio  
de coisas e quer nos esvaziar a  
mente, ao passo que a leitura  
acha que a gente está muito  
vazio e quer nos oferecer  
coisas dignas pra pensar.  
Agora, se lemos um livro  
sobre meditação, a gente vai  
se encher de coisas que nos  
ensinam como nos esvaziar?  
Enfim, se esse poder medita-  
bundo da leitura estiver ensi-  
nando a pessoa a se concentrar  
nas energias cósmicas para  
que elas materializem uma  
Ferrari na sua garagem, isso  
é melhor do que não ler nada?  
Ah, deixa a pessoa lá, para de  
ser chato. Pelo menos ela não  
atrapalha. Está aí uma função  
da leitura: fazer a pessoa pelo  
menos não atrapalhar?

Um leitor lê um livro. Ambos  
estão parados. Mas, entre  
as linhas estampadas nas  
páginas e o olho do leitor,  
parece haver um fio invisível  
que os liga. Uma abdução  
mútua! Seja O segredo, seja  
Hamlet, o que exatamente  
está se passando na cabeça do  
leitor é algo muito privado.  
"Caramba!" é uma possibili-  
dade; "incrível", "que coisa  
mais chata", "o que será que  
eu vou almoçar?", "nossa,  
eu sou bem assim", "nunca  
pensei nisso", "sempre penso  
isso", "que descrição mara-  
vilhosa", "e se eu estivesse

no lugar desse cara?", "que  
coceira no dedão do pé" são  
minúsculas possibilidades  
entre infinitas. É que o livro  
terá mais ou menos a dizer  
conforme o que o leitor já car-  
rega dentro da sua cabecinha.  
Se ninguém sabe direito se a  
existência precede a essência  
ou vice-versa, ou ainda se a  
galinha nasceu antes do ovo  
ou o contrário, eis um novo  
enigma para o grande filósofo  
Tostines: a pessoa vai pensar  
melhor se ler ou ler melhor  
se pensar?

Ah, essa é fácil de responder,  
dir-me-ás tu. Basta discordar  
da Cecília Meireles dizendo  
que não é "ou isto ou aquilo".

Tenho 80 pares de sapato e 3  
livros porque, todo mundo  
sabe, o livro é caro. Além  
do mais, posso ir a qualquer  
sapatoteca pública emprestar  
sapatos.

"A literatura é a chave para  
um mundo mágico, encan-  
tado!"  
"Zeus me livre. Tranque bem  
essa porta, então."

Ars longa, vita breve: a arte é  
longa, a vida é breve. "Puxa,  
ninguém mais compra meu

livro e eu ainda estou vivo.  
Há algo de podre no reino  
dos provérbios" - pensou o  
sem noção.

"Mas o que eu faço para o  
meu filho ler?"  
"Ora, é muito simples: tran-  
que o menino no quarto com  
um exemplar de Ulisses e  
outro de O castelo (impor-  
tante dar opções). Um pão-  
zinho e um copo d'água são  
permitidos. Não se esqueça  
de, ao ir para a sala ligar a  
TV, colocar fones de ouvido,  
para não atrapalhar a leitura  
do garoto e nem deixar a  
novela ser perturbada pelos  
chutes na porta e gritos  
do menino que, desculpe  
a indiscrição, anda muito  
mimado. Não seria o caso  
de considerar um acom-  
panhamento psicológico,  
quicá psiquiátrico?"

Mas livrai-nos do mal.

Consideradas as convicções  
e seus demônios, ler é um  
barato.

Curtir | Comentar | Com-  
partilhar | Denunciar abuso

\*\*\*

AVON  
the company for women

Quer revender?  
Entre em contato com a gente

Andreza  
3642-0818  
9642-1045

Cibila  
3607-1955  
9947-5842

Donaid  
3031-5257  
9648-7705

Jucélia  
3031-2357  
9663-7557



# COLHER DE SOPA

Fabrício Carpinejar

Cora, a cachorrinha de casa, ficava assustada na virada do ano. Ela se escondia debaixo da mesa, da cama, das cortinas. Uivava para as janelas. Seus gemidos lembravam molas de antigos colchões. Dentes rangendo de insônia. Não se aquietava até que os rojões serenassem em fumaça.

Na troca de 2011 para 2012, ela estranhamente dormiu e não acordou com nenhum fogo de artifício. Suspirava no sofá. Uma colher de sopa perdida na almofada.

Aquilo me intrigou. O animalzinho traduzia tranquilidade de coma: anestesiada, desaparecida em si. Respirava fundo, avessa aos tormentos dos fachos.

Logo o animal que fugia dos trovões e das descargas elétricas nos morros.

A família se preocupou com a súbita quietude e fotografou seus movimentos nos dias seguintes. Quando ela caminhava de costas, invocávamos seu nome e ela não recuava. Batíamos palmas e ela sequer mexia o pescoço.

Reprisei que Cora não atendia nossa voz como antes, não obedecia pedidos para sentar ou deitar, não vinha na cozinha quando gritávamos "hora da comida", não abanava o rabo com a trilha sonora que Cíntya criou para ela.

Também latia menos e dormia o dobro.

Uma vitória-régia boiando na sala. Uma sanfona se coçando de vento.

Entrávamos de madrugada

na residência e ela não respondia. Tínhamos que tocar em seu pelo para despertar uma reação. O tato era o seu último alerta.

As cenas foram esclarecendo os sintomas. Descobrimos que nossa cachorrinha está surda. Não escuta nada.

Despertou uma dor avulsa. Uma dor de azulejo de pares quebrados.

Cora não entende que foi ela que deixou de ouvir, mas acredita que nós deixamos de falar com ela.

Na cabeça da cachorrinha, sem explicação, todo mundo parou de procurá-la.

De repente, ninguém mais a chama, ninguém mais canta para ela, ninguém descreve as paisagens.

No seu universo preto e branco, a surdez é concebida como um castigo. Ela não sabe o que fez de errado para desaparecer o som de nossas bocas.

E treme de frio quando nos observa. Um frio de medo, não de vento. Um frio de quem precisa entender o que aconteceu. Olha longamente as vogais de sabão saindo dos nossos lábios e subindo aos céus. Palavras aéreas, mudas, velozes.

Conto tudo assim porque amor é mudar, sempre mudar, sempre se adaptar. E nunca cansar de criar idiomas.

É agora pegar Cora mais no colo, é falar com as mãos, é se aconchegar ao seu corpo para que não mais estranhe o silêncio e reconheça os timbres pelo olfato.



Heliana Grudzien

# Formação

Leonardo Oliveira

Foi durante uma expedição pela savana africana que o menino encontrou o pardalzinho escondido em meio aos arbustos. Primeiro veio o ruído da folhagem, depois o susto e por fim a curiosidade. Pé ante pé, com a espada na mão, foi se aproximando até perceber o olho amedrontado e o corpo que oscilava com a respiração. Esticou a mão, mas o bicho correu. Foi atrás: um caçador destemido atrás de uma fera encurralada. A perseguição durou alguns minutos e terminou no canto do muro, onde o animal não teve escapatória a não ser se entregar. Criatura na mão, começou a passar o dedo sobre o seu penacho até o pardal fechar os olhos e entender que o menino era um amigo e queria seu bem. Não passava de um filhote, provavelmente caído do ninho, estava fora de seu habitat natural. Olhou ao redor; nada dos pais. Melhor levar para dentro, o bairro era cheio de gatos, sozinho não passaria a noite vivo. Enquanto procurava uma caixa de sapatos para servir de casinha, ia examinando o pet. Tinha cheiro de cachorro molhado, as penas faziam uma cócega esquisita na gente. Se a mãe estivesse por ali, certamente brigaria, Menino, joga fora esse bicho cheio de pulga e vermes. Mas não, a mãe quase nunca estava por ali. Achou engraçado o barrigão rosado, que deixava entrever as vísceras, e também engraçadas eram as fossas nasais, por onde saíam uns pelinhos que davam uma angústia só de olhar. Esta é sua nova casa, e você vai se chamar Tip Tip, porque quando você pia, você faz assim: tip, tip. Fez uns furos na caixa pra entrar ar, colocou um chumaço de algodão pra servir de cama. A tampa do pote de maionese era um pires de água.

Ficou ali agachado, olhando a criatura, com pena de irembora. Mas precisava fazer a lição de casa, se o pássaro quisesse se tornar um bom animal de estimação não poderia querer toda a atenção do mundo. Melhor assim, já iria se acostumando. E a cada cinco minutos o menino corria até a caixa de novo, com

um medinho bom de que o pardal tivesse morrido. Cinco da tarde, hora de jantar. Puxou o banco e alcançou o pacote de arroz de cima do armário. Colocou os grãos crus na caixa de sapato, mas o pássaro nem se mexia. Come, é pro seu bem, pra crescer e ficar forte. Abriu o bico com as unhas e colocou o grão lá dentro, mas depois de alguns minutos Tip Tip regurgitou a comida com desprezo, o olhar sempre assustado. Viu na revista de animais a foto de um sabiá dando uma minhoca para os filhotes no ninho. Correu para o quintal, mas não sabia nem por onde começar, então acabou levando um tatuzinho de jardim mesmo.

Nessa hora a avó chegou do serviço. O que você está aprontando, menino? Mostrou o bicho com olhar pidão, eu juro que cuido dele, troco o jornal e compro comida com a mesada, por favor. Quero levar ele pra escola, mostrar pra professora, tirar dez em ciências. A avó não gostou muito da idéia, esse bicho tem é que ficar solto, já pensou na tristeza dele, longe da mãezinha? Entendeu.

Resolveram que Tip Tip passaria a noite na casa, com a promessa de que o menino soltaria o pássaro antes de ir pra escola. Quase não dormiu de ansiedade: morreria de falta de ar? Melhor fazer uns buracos maiores e soprar de vez em quando através deles. E o filhote piava e piava, mas se era de fome, por que não comia? Bichinho burro, e então sentiu raiva e arrancou-lhe uma pena, pra aprender a se comportar. E a cada piado era uma plumagem a menos, até que o animal cansou do jogo e resolveu dormir. E enquanto o menino olhava para o teto estrelado do quarto, pensava no novo amigo, que comeria na sua mão quando crescesse e talvez até cantasse na janela do seu quarto todas as manhãs. Depois riu da bobagem, ah, os filmes da Disney.

No dia seguinte, quando acordou, tomou um susto. O pássaro estava com o pescoço torto para o lado e agia de forma esquisita. Culpa da malvadeza de ontem?

Sorte que a avó já tinha saído pro serviço. Correu com o bicho lá para fora e pensou até em soltá-lo na rua, mas encontrou com os meninos mais velhos. O que você tem aí na mão?, Vinte cinco tira, quanto fica?, Quanto custa uma chupeta?, Você tem cachorro?, então sentiu medo e voltou a entrar.

Soltou o animal na calçada vermelha e correu para dentro, torcendo para que os pais aparecessem. Ficou espiando pela janela, que tinha uma cortina de crochê com buraquinhos que deixavam ver sem ser visto. Uns pardais vieram, deram uma avaliada na situação e depois voaram longe. E o passarinho sempre estranho, com a cabeça mais e mais inclinada, deixando ver o pescoço rosado que parecia uma grande mangueira de borracha. E então Tip Tip passou a dar saltos e a cair meio de lado, como se quisesse voar ou sei lá o quê, e pássaros de todas as espécies começaram a se juntar ao redor, fazendo muita algazarra e sentindo muita raiva, chamando a atenção da vizinhança, expondo a vergonha do menino, isso é pra você aprender a não judiar dos animais, mas justo ele que tinha amado tanto o bichinho, eu juro que tentei!

Ficou ali, espiando de longe, o coração batendo forte, com medo da avó chegar, com medo da mãe voltar de viagem e ficar sabendo de tudo, com medo da professora ralar, enfim, com medo. E então Tip Tip, que não quisera tomar água, que não quisera comer arroz cru nem tatu de jardim, deu um pequeno salto em seu último estertor e caiu duro no chão.

O menino desceu os degraus de frente da casa para olhar o pequeno cadáver, tudo culpa sua. Era preciso escondê-lo, era preciso mentir para os adultos, Ele encontrou os pais e saiu voando assim, vô. Apanhou o pássaro com cuidado, o corpo todo rijo, apenas a cabeça pendia molenga para o lado. Teve então uma idéia: se eu o jogar para o ar, talvez ele acorde e aprenda a voar. Com as mãos em concha, fez o movimento para cima, mas então não foi o filhote que voou e sim o inteiro universo.

Germano Xavier

## Duchamp não vence Beuys

quebra o pote  
o lote aberto do dia vivido  
e prega na parede dum museu  
que tudo é todo  
mundo pode  
todos nós somos artistas  
habilite-se vivendo a si  
de si e sobre  
mesmo dentro ou fora  
para dentro ou para fora  
para fora ou para dentro  
comunicar é fascinar-se  
e um pote no chão não é  
apenas  
à duras penas um pote no chão  
é antes a consagração do signo  
a criação  
mas primeiro quebra o pote  
a ordem da forma  
lunar  
quebra o pote, quebra o pote  
empenhado no escuro indiscernível  
pois é indo e vindo  
ao pote  
que o caco adere ao outro caco  
e toda criação vira destruição

## Deus aberto

de alguma forma  
entendo o absoluto  
como a prática de uma via  
qual um contato  
ou uma religião aberta  
para além do símbolo  
de algum modo  
meu intuito por estar do outro lado  
define um possível homem  
e não podemos ser apenas  
ao que tudo indica  
humano  
somos antes as imedidas  
incompatibilidades de um deus

# Vênus

Amanda Bacilla

Ela acordou, já era hora de sair. Pegou o celular no criado-mudo ao lado da cama, tratou de escovar os dentes e colocar uma roupa decente, desceu as escadas quase caindo, e esqueceu a chave em cima da mesa. Subiu, pegou as chaves, trançou a porta, e antes que pudesse voltar a despencar escadaria abaixo notou que estava esquecendo algo... Ah, a carteira. Ela sempre esquecia a carteira em casa, e na maioria das vezes precisava dela. Quando conseguiu, enfim, chegar, sua calça amassada, seu cabelo desajeitado e suas olheiras não negavam a noite anterior. Uma cena que se repetia: noites em claro fazendo nada, pensando demais e tomando café. Ela até pensou em sair de casa de vestido, talvez isso a deixasse com cara de menininha sensível, mas de um lado estava sol, do outro não, resolveu colocar uma roupa

mais decidida, a calça jeans e a blusa amarela não lhe negavam a personalidade.

O fim do ano chegando despertou nela um desejo de sumir, deixar os assuntos inacabados, inacabados. Começar outra coisa, pra talvez não terminar também, enfim, ela queria sumir, mas não sabia exatamente para onde.

Ela chegou, fez o que tinha para fazer quase automaticamente, e quando eu cheguei ela me veio com a familiar cara de quem queria conversar algo sem sentido. Tatuagens, textos literários, ex-namorados... Esses assuntos que não tem um ponto final.

E como em todos os dias, a gente sentou e conversou durante longos 5 minutos, até o cigarro acabar. Ela foi terminar de fazer o que tinha que fazer e eu vim escrever sobre ela. Até o próximo cigarro a gente continua assim, sem conclusões.



Heliana Grudzien

# A partida do submarino

Munique Duarte

Aquele submarino que descia rapidamente levava minhas últimas lembranças. Cortaram as raízes antes das folhas. Cortaram meus membros antes dos gritos. E toda aquela tarde com cheiro de limão cortado e roupa passada criteriosamente se tornou lodo. Minhas glórias são imperdoáveis. Sei que os dados caíam sempre com os mesmos números em suas laterais milimetricamente medidas. Mas agora o submarino se foi.

De todas as angústias de antes, me sobrou uma especialmente azeda, a do adeus

que agora ganha gosto definitivo. De tantos gestos compassados que eu havia decorado um me fugiu da memória, aquele gesto de passar a mão ao longo do cabelo no assalto da dúvida. De tantas dívidas, todas ainda estão pendentes e cheirando a esgoto. Eu nunca soube afiar bem as facas. Era você que sabia antes de partir naquele submarino.

Mas ficaram ainda desculpas afiadas que não foram ditas. Todas as outras se perderam no mar salobro. Aos poucos fui aprendendo que a vida não traz mensa-

gens em ordem crescente. Que as emoções não são cardinais. Que o zero significa muito. Aos poucos aprendi as artes cuteleiras, enquanto você dormia feito anjo sujo, sonhando com seus submarinos. Enquanto engolia minhas emoções. Enquanto você me engolia. Enquanto a faca ainda mal afiada destroçava o limão que empestava nossas almas mal lavadas.

De tudo restou meu olhar fixo no submarino descendo. Eu precisava ter certeza da sua partida. Eu precisava dentro de mim do alívio das águas

vertidas definitivamente. Não nasci para ciclos, nem para teorias sábias ou conselhos de algodão. Seu submarino leve desceu centímetros rasos. Acompanhei até o fim. Enquanto você repousava sua cabeça angulosa sórdida de navegante desentendido eu aprendia as artes cuteleiras. Agora as tardes não cheiram mais a limão cortado e roupa criteriosamente passada. Agora tudo é lodo. Porque a partida do submarino foi severa. No fim das contas me engoliu, me assaltou com clorofórmio nas narinas.

O zero se tornou tudo. Ainda com as cartas na mão espero o lance de dados milimétricos. Não sei mais se faz diferença saber arte cuteleira. O corte foi tão agudo. O peso se foi com as águas vertidas. A partida do submarino é tão fúnebre. Fui vestida de verde, depois de afiar tantas e tantas outras facas. Tenho cheiro de limão nas narinas. Meu azar é sempre me atrelar a navegadores destemperados. O submarino se foi para sempre em meio a uma tarde ensolarada e cheia de corvos.

# Mentiras de um amor que já passou

Oneide Diedrich

Alguém me disse que ela voltou  
E que tá louca pra me ver cantar  
É claro que ela nem me ligou  
É certo que não vai me procurar

Mentiras de um amor que já passou  
São dores que não devo pra ninguém  
Mas algo dessa história não mudou  
E volta toda vez que o verso vem

Ah! Parece maldade  
Quando ela me olha e não quer me abraçar  
Ah! É a pura vontade  
Daquilo que insiste em me maltratar

Mentiras de um amor que já passou  
São dores que não devo pra ninguém  
Mas algo dessa história não mudou  
E volta toda vez que o verso vem



Heliana Grudzien

Carlos Careqa

# Tudo o que respira quer comer

Este fim de mundo infinito  
Vontade de viver bonito  
Esses dez por cento de prazer  
Esse interno amanhecer  
Tudo que se ouve será música?  
Tudo é nada só há dúvida  
Primeiro som depois amar  
Quando a maçã perder o seu saber  
Tudo que respira quer comer  
Tudo que respira quer comer  
É quase nada essa estrada

Essa estada não tem fim  
Não tem escada essa danada  
Nem pra subir ou pra cair  
E é perigoso, é perigosa  
E é gostosa como tu  
Porco juízo feito prosa  
Respiro fundo e é isso aí  
Tudo que se fala será língua  
Muito limão pra pouca pinga  
O exercício do poder  
Estar no escuro e esclarecer

Carlos Careqa / A. Sátiro/Edilson del Grossi

# Todos os homens são iguais

Meu amor  
Quando você partiu  
Todos os cacos da cristaleira  
Estavam no chão

Minha cara amassada  
Minha roupa rasgada  
E destruída a nossa  
Televisão

Tudo que era frágil  
Ficou despedaçado  
Com cacos o meu coração

Na tela quebrada  
Um filme tentou passar  
Mil pedaços de novelas  
Intervalos no ar

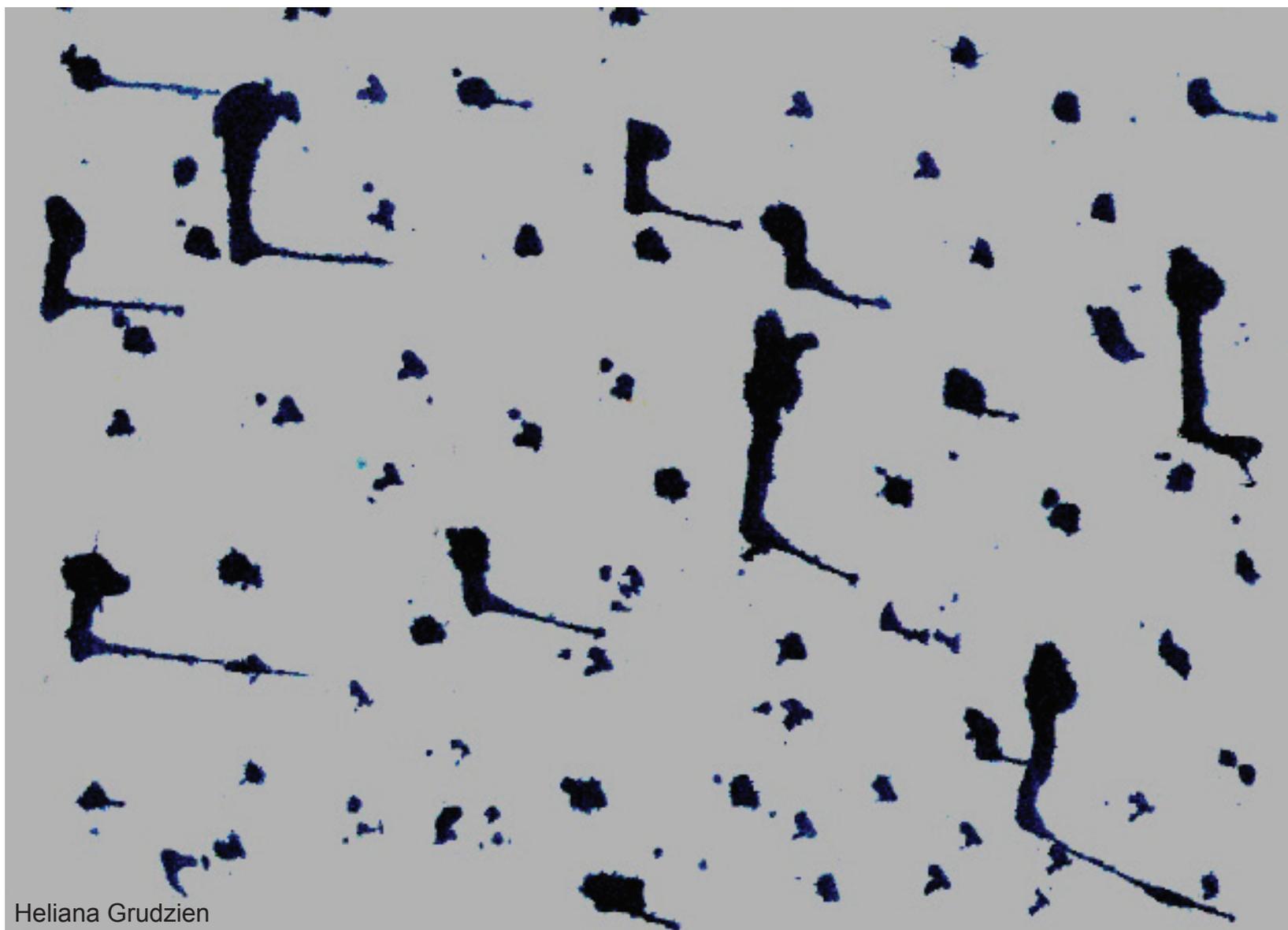
O nosso amor resiste  
Não devo ficar triste  
Eu sei que você vai voltar

Volte logo, benzinho  
Não me deixe esperar  
Vou colar os caquinhos  
Pra você requebrar

Requebrar, requebrar  
Pra você requebrar

# Viagem ao princípio do mundo.

André de Leones



Heliana Grudzien

Não pude observar a paisagem pela janela do carro com o devido vagar, exceto por uns poucos quilômetros, três ou quatro, quando cedi a direção para que passássemos incólumes pela polícia rodoviária (não fomos parados, na ida ou na volta). Agora, posso dizer que estava preparado sem que o soubesse de todo, ainda que a decisão preventiva (não ver (quase) ninguém) tenha contribuído incrivelmente para a atmosfera saudável (respiro fundo e percebo agora) inerente à visita. Por

outro lado, tangenciei o clima pesado que sempre associei ao lugar quando ouvi a história de um roubo contada por uma amiga da vítima, a bola da vez nas bocas locais, ridicularizada por todos ao ponto de não se sentir confortável para desabafar sequer com a melhor amiga. Nada mudou, pensei. Trancados em casa, dentro e fora ao mesmo tempo, a única forma possível. É verdade que o lugar estará sempre em mim (literariamente, sobretudo), tanto quanto é verdade que

eu nunca estive nele de fato. Na imagem similar à que tenho aqui dentro (impressa) (em mim), vemos o céu semi-encoberto, um azul tímido empurrado para trás pelas nuvens, algumas pesadas, densas, e, abaixo, o verde espalhando-se pela vista afora, a paisagem plana, sem surpresas; a imagem é opressiva justamente porque sugere uma liberdade que nunca se apresenta de fato, que não se realiza, que não está ali ou que é empurrada para longe.